

# POVO

# ALGARVIO

semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário  
**Manuel Virgínio Pires**  
Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA  
Composição e Impressão  
Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telefone 266 - TAVIRA

## O homem e o tempo

Antropologia e a etnografia terão muito para dizer a respeito do rejuvenescimento do homem a cada primavera, da alegria que manifesta de comum com a dos animais e plantas e do modo como a exterioriza, quer individual, quer colectivamente.

Talvez da dependência em relação ao reino vegetal, flue esta torrente de entusiasmo que se manifesta nos animais, no momento em que revigora a seiva subindo até aos ramúnculos das árvores e em que a semente germina na terra.

É preciso que a erva alastre pelas encostas para que os recentes a comam fresquinha e tenra. Os limbos verdes da amoreira, desenrolando-se, avisam o bicho de seda de que pode furar o ovo e sair.

Aos homens, uma alegria feita de amor ao trabalho e renascimento de poesia, agita-os e expande-se em aspectos diferentes, conforme o molde cultural e psicologia do povo a que pertencem.

Não podemos abalancar-nos aqui a considerações a que nos levaria um relance de olhos pelas festas de carácter guerreiro, religioso ou misto a que se dão os povos de feição tribal.

Vêm-nos à ideia, somente, as manifestações a que se dedicam aqueles que têm um padrão de cultura, uma situação geográfica ou ainda uma actividade histórica que mais se avizinha de nós.

Lembram-nos as festas e cerimónias jubilosas a que chamaram, na Grécia, as Dionisíacas. Dionísio não era só aquele deus traquina que ensinou a fabricar o vinho. Era o rapazinho criado à manadía pelos bosques e clareiras, deambulada com Pan, silenos e faúnos, o «meu santatonico onde te porei» das ninfas e napeias, das dríades e hamadriades e nesta corte (tiase) ia todo o amor dum povo artistico.

Continua na 3.ª página

### Auxílio da Casa do Algarve aos refugiados de Goa

A Casa do Algarve enviou à Cruz Vermelha Portuguesa, em nome da sua Comissão de Beneficência, um cheque de cinco mil escudos para auxílio aos refugiados de Goa, Damão e Diu, vítima da agressão indiana.

### ALGARVE FLORIDO



Passou a chuva e as flores de amendoeiras espreitam por todos os recantos da terra algarvia, atapetando as estradas e caminhos com a neve das suas pétalas.

### O sr. Director Geral das Contribuições e Impostos esteve n.º Algarve

No passado dia 13 do corrente, deslocou-se a Faro, o sr. Dr. Vitor António Duarte Faveiro, ilustre Director Geral das Contribuições e Impostos, a fim de visitar a Direcção de Finanças do Distrito e inaugurar as instalações dos novos Serviços de Fiscalização e Repressão do Imposto de Consumo de artigos supérfluos e de luxo, recentemente criados.

Acompanhavam o distinto visitante e inteligente técnico de finanças, os srs. Director de Finanças Dr. Mouteira Guerreiro, Director dos Serviços de Informação Fiscal e Alexandre Moita, Director dos Serviços de Repressão da Zona Sul. Foi recebido pelo sr. Francisco...

Continua na 4.ª página

### Arabescos Literários (10)

## CARICATURA

**QUEM** não conhece as carrinhas de e para Monte Gordo, com passado afidalgado e caídas em «fim de raça»? São uns carros ultrapassados, porque se pode mandar buscar a morte... filhos mais velhos da velha «mala-posta», que continuam, apesar de tudo... na estrada da vida.

Dado o planimétrico de 0 x 1000, a potência destes carros é de um cavalo apenas — um «horse-power» mal medido e alimentado a carburante sólido de fava ou alfarroba.

Compõe-se o «travnia» de um carro com a roda da frente abisselada, para os raios de curva mais indiscretíveis. O «motor» tem uma monocavalagem das mais baixas, a roçar pelo Rocin, que Cervantes legou a D. Quixote, com a «grelha» das costelas toda a sobresair — tal e qual.

O «motor» tem quatro bieas que trabalham pela ordem 1-3, 2-4, fazendo a «compressão» no asfalto da estrada e o «trabalho» no reboque da carrinha. «Escape» não tem, propriamente dito, a cada rotação do «motor», e a «admissão» só existe, a longos prazos, quando o cocheiro lhe põe a alfofa à frente, numa espécie de mangdeira suspensa.

O cocheiro é o motorista, que toma lugar na boleia, guia e com o chicote faz de espécie de «árvore de cames», regulando a «compressão» e o «trabalho».

Continua na 3.ª página

### TROVA

O teu pranto não ilude,  
Fonte velha da cidade,  
És pura como a virtude  
É triste como a saudade.

Isidoro Pires

## Sessão Cultural da Casa do Algarve

### de protesto contra a invasão da Índia Portuguesa

MARCOU pela elevação das afirmações nela produzidas, a sessão cultural realizada em 11 do corrente pela Casa do Algarve em Lisboa, de protesto contra a invasão da Índia Portuguesa pelas forças da União Indiana.

Presidiu o sr. Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, presidente da Assembleia-Geral da colectividade, ladeado pelos deputados srs. Coronel Sousa Rosal e Drs. Quirino Mealha e João Cardoso, e pelos representantes dos corpos gerentes da mesma, srs. Dr. Sousa Carrusca, Major Mateus Moreno, e Dr. Maurício Monteiro, que em nome da Direcção num eloquente improvisado, justificou o entusiasmo com que foi acolhida a proposta do presidente da Comissão Cultural, sr. Dr. Alberto Iria, para a realização daquele acto, saudando todos os presentes e concluindo: «Pode esse homem que traiu o seu mentor espiritual e a sua própria doutrina e que praticou a cobardia de atacar um vizinho mais fraco e inofensivo».

Continua na 2.ª página

### Jantar de Despedida

No passado dia 17 do corrente, um grupo de amigos do sr. Salvador dos Santos Silva, conceituado guarda-livros da agência do Banco Nacional Ultramarino desta cidade, resolveu oferecer-lhe um jantar de despedida, na Pensão Arcada, por motivo da sua recente promoção e transferência para a cidade do Porto, conforme já havíamos noticiado.

Mais de quarenta convivas prestaram homenagem às excelentes qualidades de carácter daquele competente e zeloso funcionario bancário, que durante o tempo que exerceu funções nesta cidade soube tão justamente conquistar uma aureola de simpatia quer pelo seu trato afável, quer pela sua conduta irrepreensível como cidadão e exemplar chefe de família. Muito embora não tivéssemos assistido a tão justa e simpática manifestação de apreço, por não ter chegado ao nosso conhecimento, apraz-nos felicitar por isso o sr. Salvador dos Santos Silva, desejando-lhe muitas prosperidades no desempenho das suas novas funções.

### Escola Técnica de Tavira

No último Concurso Distrital de Presépios da M.P., coube à Escola Técnica de Tavira a 2.ª classificação pelo seu Presépio Colectivo, ao qual já o nosso jornal deu o devido relevo. Este Presépio mereceu a honrosa visita do Prelado Diocesano, do Algarve.

Também foram atribuídas Menções Honrosas, pelo respectivo júri distrital da M.P., aos seguintes jornais de parede da nossa Escola Técnica: «O Tagarela», o «Algarve em Flor», o «Compromisso» e «O Pelicano».

Continua a chegar a Tavira diverso material para o funcionamento desta Escola, tendo também sido adquirido algum nesta cidade.

O material de que este estabelecimento de ensino já dispõe, permite a criação de um laboratório de Ciências Geográficas Naturais.

O pagamento da 2.ª prestação das propinas de frequência decorre de 25 do corrente a 5 de Fevereiro próximo.

Os alunos aos quais foram concedidas isenções de propina no início do actual ano lectivo, estão dispensados do pagamento dessa 2.ª prestação.

## CARTA DE ANGOLA

A nossa primeira carta do ano é de tristeza e de luto. Mas é também de esperança e de fé.

Creemos que chegou a hora. Aquela hora de firmeza em que só um manda e os outros obedecem. Sem cores. Sem partidos. Para que possamos sobreviver como portugueses, como povo livre.

por M. Guerreiro

### Energia Eléctrica em Amaro Gonçalves

Foi concedida aos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Tavira, pela Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, a verba de 423 600\$00, destinada aos trabalhos de electrificação do sítio de Amaro Gonçalves, freguesia da Luz de Tavira, obra que está orçada em 706.000\$00 e cujos trabalhos deverão estar concluídos até 30 de Novembro de 1963.

### CHUVAS

No passado dia 17 do corrente caiu chuva abundante nesta região. O volume das águas provou grande cheia no Gilão que esteve quase a galgar a margem. Na hussca, as águas invadiram algumas propriedades tendo causado prejuízos, especialmente nos pomares.

Na Luz de Tavira alguns terrenos baixos ficaram submersos e na parte da manhã esteve interrompido o trânsito nas estradas de Amaro Gonçalves e Santo Estêvão — Luz.

Em diversos pontos muitos valados foram derrubados pelo impeto das águas.

Continua na 2.ª página

### Rotary Club de Faro

A reunião semanal do Rotary Club de Faro, realizada no passado dia 16, registou a sua maior frequência de sempre, facto que demonstra o entusiasmo que reina no seio do Club, cada dia mais unido e apio a encarar as responsabilidades contraídas com a sua admissão recente em Rotary Internacional.

Presidiu o sr. Francisco Guerreiro Barros, secretariando o sr. Arthur Serrão e Silva, encontrando-se presentes, como convidados, os srs. Jorge Alberto Paiva e Barros e Franco de Setúbal e António Pereira da Silva e Augusto dos Santos Felix, de Lisboa.

Na direcção do protocolo, usou da palavra o sr. Benigno Cruz, que fez a apresentação dos convidados e se congratulou com a elevada frequência que a reunião registou.

Da leitura do expediente destacava-se um officio da Presidência da República, no qual Sua Excelência o Chefe do Estado agradece o telegrama que lhe foi dirigido pelos rotários de Faro a propósito dos dolorosos acontecimentos do Estado da Índia.

Continua na 3.ª página

### O Banco do Algarve

#### aumentou o capital

Foi autorizado a aumentar o seu capital de cinco mil para dez mil contos, o Banco do Algarve, com sede em Faro, pela emissão de 50.000 acções no valor nominal de 100\$00 cada.



# CARTA DE ANGOLA

Continuação da 1.ª Página

bem, as espinheiras que rasgam a carne. E os tiros traiçoeiros que partem da mata cerrada. E o cumprimento exacto do dever para com a Pátria.

A «valentia» dos troantes da saudosa Pax Júlia é um escarro lançado sobre os campos dos nossos mortos. É uma afronta ao patriotismo dos nossos sertanejos que se batem sem desfalecimento desde as primeiras horas.

Julgá-los nos tribunais?

É honra demasiada, fazer que se ocupem deles, homens que se debruçaram anos seguidos sobre os tratados tradicionais. Nada disso. Mandem-nos para cá. Organizem cá o corpo de juizes que apreciam a sua falta. Um do Mucaba. Outro de Carmona. Outro de Santa Cruz. É pouco? Então vão buscar mais ao Quimbele, a Maquela, a Nôqui, a S. Salvador. Ao Quinzau e ao Lufico. Ao Negage e ao Tomboco. A Bessa Monteiro e ao Quitexe. Não são formados em letras? Não interessa. Eles sabem o que é a Pátria e o quanto já deram e estão dispostos a dar por Ela. Mandem-nos para cá.

Vi lágrimas nos olhos de soldados que exclamavam: «Isto não se faz!»

Vi lágrimas de indignação e de vergonha nos olhos de velhos que por cá andam desde a meninice.

Mas não creiam os traidores que quebraram o ânimo a quem quer que fosse. Não.

A vida continua a mesma. A divisa continua também a mesma: «Aqui é Portugal!»

Tínhamos escrito para vocês, bravos pescadores, quando tomamos conhecimento da vossa generosa oferta às famílias dos soldados — «Um dia de trabalho», mas os acontecimentos ultrapassaram o assunto da nossa carta, cuja regularidade nos não é permitida pelas fracas disponibilidades do tempo.

Havíamos então começado a nossa carta.

Heróis do mar!

Almas sadias e fortes. Rostos queimados pelo sol de mil labutas, espreitando o pão e a morte em cada volta do mar... E pacientemente, pertinazmente, a sofrer a canseira da luta ou a esperança incerta de farta copejada, que nem sempre aparece.

E sempre a teimar. De olhos perdidos na escura noite, que se perde no mar.

Num mar que não tem estrelas, nem luar...

Mas que tem esperança. Aquela esperança que sempre vos acompanha. E que tem fé. Aquela fé que transborda fartamente dos vossos grandes corações, rudes e generosos. Valentes, afeitos às traições do mar, com a alma temperada pela força de todos os elementos, soubestes nesta hora crítica encontrar o Norte no meio deste temporal hediondo onde as nações (poucas) desempenham o papel de ciclone e todas as outras o de bateiras à deriva, pagando o preço de uma hipotética salvação, muitas vezes com a traição vil e covarde. Com que emoção chegou até nós essa nobre lição que acabais de dar à Nação! E ao mundo também. Que beleza extraordinária encerra o vosso gesto de solidariedade!

Tão humilde e tão simples. De pobre para pobre... Sublime!

Obrigado pescadores. Nós precisávamos desse gesto. Sentir atrás de nós a vossa unidade, a vossa força, a vossa coesão, o vosso apoio. Obrigado por todos os que já tombaram. Obrigado por todos aqueles que sem desânimo

enfrentam a agressividade do caminho, por todos aqueles que acreditam na Pátria!

Mostrastes às cobiçosas gentes, empenhadas em desmantelar a Pátria, que somos o mesmo Povo de antes quebrar que torcer. O mesmo. Valente e generoso. Com defeitos e virtudes. Iguais a nós mesmo. Sem ambições, mas ciosos do nosso portuguêsismo.

Mostrai-lhes, homens do mar, como sabeis abraçar destemidamente a morte para salvar uma vida. E a vida que urge salvar agora é a da Pátria.

Erguei bem alto a vossa alma. Assim. Músculos retezados. Pés fincados na terra que vos serviu de berço... Tal como, quando a onda alterosa salta a proa do barco e varrendo o convés vos bate na face que não se volta, porque tendes o leme na mão e na mão tendes a vida da companhia. A Pátria está em perigo! Frente ao inimigo! Proas ao mar! Essa lição que vós destes, generosos e valentes pescadores, tem mais força que muitas toneladas de explosivos.

Lição de solidariedade e de fé, em que vós sois mestres.

A mesma fé que levantou o povo que seguiu o Mestre de Aviz e D. João IV e que destruiu a força napoleónica.

A mesma fé que passou das planuras alentejanas às margens do Séquia; que trepou os montes de Santarém e as faldas da Estrela; que abraçou os laranjais em flor de Arade e as agrestes linhas de Torres.

Sempre a mesma fé!

Seguindo o vosso exemplo, logo que foi conhecida em Luanda a morte heróica do «Afonso de Albuquerque», foi lançado o brado: «Um dia de trabalho para a compra de um porta-aviões». E o brado ecoou por toda esta vasta Angola e recebeu aplauso. Funcionários, comerciantes, agricultores, soldados, marinheiros, toda a gente coopera com um dia de trabalho para a aquisição de um mais poderoso vaso de guerra.

Goa mostrou-nos que estamos sós. E o sangue dos que lá tombaram clama a unidade de todos os portugueses, sem reservas.

Não nos surpreendeu o abandono traiçoeiro dos «amigos»... Amigos da onça. Temos os seus métodos e as suas intenções patentes, aqui ao pé de nós! Intenções que já mal mascaram.

Destrocaram o Congo, um país promissor, reduzindo-o à miséria.

Estão esfacelando o Katanga, destruindo a sua organização económica, espalhando o terror entre as populações ordeiras, permitindo os banquetes de carne humana, o estupro, o saque. E com o temor de que a presa ainda lhes fuja, porque continua teimosamente a bater-se pela sua liberdade ainda ameaçam descaradamente: «Se a ONU falhar a sua missão (?) no Katanga, os EUA reservar-se-ão o direito de intervir unilateralmente».

Em nome de quem? De que lei? Ao abrigo de que princípios?

Apenas em nome do ódio à velha Europa que continua adormecida, sem ouvir o nosso brado de armas.

Apoiada no despeito a esse velho continente que ainda continua a fornecer os valores para a ciência da época; que produz a parte essencial para a aventura interplanetária; que forneceu há 500 anos a massa que operou a epopeia portuguesa.

Novo rico, que esquecendo a sua origem, paga mal e rudemente a quem observe e já

## Rotary Clube de Faro

Continuação da 1.ª página

Depois dos sócios do Clube terem feito a sua auto-apresentação rotária, voltou a usar da palavra o sr. Benigno Cruz para dar conhecimento do entusiasmo que reina em todo o Distrito Rotário n.º 176 pela festa da entrega da Carta Constitucional que, como já foi anunciado, terá lugar no próximo dia 4 de Fevereiro e fez referência ao Brasil, também, repercussão que teve no estrangeiro, particularmente no Brasil, a criação do primeiro Club do Algarve, sendo remoto dos que militam neste excelente ideal de serviço e através do qual *mais beneficia quem melhor serve*.

O sr. Dr. Janeiro Reis preencheu o tempo destinado ao palestrante oficial da noite dissertando sobre um tema curiosíssimo que intitulou «Impressões digitais», trabalho exemplificado com desenhos e explicações claras, que a assistência premiou, no final, com uma calorosa salva de palmas.

Fez o comentário da reunião o sr. Dr. Rocheta Cassiano que, mais uma vez, se mostrou um orador elequente, bordando algumas considerações sobre medicina criminal. A terminar, o comentador, elogiando a palestra do sr. Dr. Janeiro Reis, pediu para o seu agradável trabalho mais uma salva de palmas, sendo calorosamente correspondido.

Ao encerrar a sessão, o sr. Francisco Guerreiro Barros congratulou-se com o elevado nível de frequência registado facto que demonstra cabalmente o espírito de unidade que se respira no Club, resposta, sem dúvida, adequada aos que persistem em criticar o malsinar o Rotary, movimento que disse, «estou disposto a servir com mesmo entusiasmo e a mesma fé daqueles tempos em que, mais ajudado pelas minhas condições físicas, servi, lealmente, em diversas instituições da nossa terra».

Apelando para todos os seus Companheiros Rotários, cujo bairrismo enalteceu, lembrou que todos terão de dar a sua colaboração para que a recepção aos rotários do Distrito n.º 176, nos dias 3 e 4 de Fevereiro, seja demonstração significativa e evidente do apreço e amizade com que serão acolhidos e bemvidos à nossa terra.

foi seu amo. «Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu».

O povo de Luanda, num gesto de repulsa, já arremessou um tempos um Cadillac ao mar, porque sentiu na carne esses golpes traiçoeiros, e viu de onde partiam. O momento que vivemos é de luto e de dor! De oração, de meditação e de firmeza. Consciente calma.

Ao olhades para vossos filhos, recordai a frase de velho Nuno Gonçalves, quando prisioneiro e cercado de inimigos gritou para seu próprio filho: «Maldito sejas tu no Inferno se os que me cercam entrarem nesse castelo sem tropeçarem no teu cadáver!»

Preparados para gritar a velha frase aos vossos filhos, se for preciso.

Acreditemos em nós próprios e nisso prestaremos, grande serviço à Pátria.

Desunidos, não poderemos sobreviver. Unidos venceremos.

O povo já não crê nas velhas amizades (?) e esconjura a aliança Luso Inglesa, uma tradição única no mundo que morreu de velhice e jaz no fundo do mar, na foz do Zuari, como coisa inútil em que o povo português jamais poderá acreditar.

Vagueia agora como um

Continua na 3.ª Página

## Sessão Cultural da Casa do Algarve

Continuação da 1.ª Página

vo, levar-nos Goa, Damão e Dio; duas coisas, há, porém que não poderá levar, porque são eternas e, como tal vivem e viverão no coração dos portugueses: a sua honra e a sua História...

Em nome da Comissão Cultural, falaram seguidamente os srs. Dr. Alberto Iria, Prof. Dr. Délio Nobre Santos e Dr. D. Irene Callapez.

Subordinou o primeiro a sua brilhante e erudita lição ao tema «Goa na História e no coração da gente do Algarve» revelando factos notáveis e fazendo a evocativa chamada das figuras mais representativas do Algarve, grandes e humildes, que desde a época dos descobrimentos até à trágica actualidade afirmaram em Goa a sua presença e contribuíram com o seu esforço, com a sua inteligência, e até com o sacrifício da própria vida, para o progresso espiritual e material, e para a consolidação da soberania portuguesa no Oriente.

A «hora é de luto nacional, — diz — mas também de fé inabalável e radiosa esperança, pois Goa, mais tarde ou mais cedo, regressará legitimamente ao seio da Comunidade Portuguesa», assim terminando entre ovações: «Portugal, perante a agressão e o crime inqualificáveis da União Indiana, não tem a superioridade do número, nem a compreensão e a amizade de alguns. Tem, porém a seu favor, não só a opinião pública mundial, mas também a grande, a esmagadora superioridade moral do justo perante o tirano e ainda a eloquentíssima razão suficiente de uma serena consciência colectiva, que se manifesta de Norte a Sul, e em todas as latitudes do Ultramar Português, com viril e indignado protesto, tal como agora o faz a Casa do Algarve em Lisboa. Portugal poderá ser combatido, mas nunca será vencido.»

Dada seguidamente a palavra ao sr. Prof. Dr. Délio Nobre Santos, antigo deputado pelo Algarve, o orador começou por afirmar: «Portugal tem sido acusado de crime de colonialismo e assim se originou uma série de calamidades, das quais podemos em relevo o terrorismo do norte de Angola e a agressão militar contra o Estado Português da Índia».

E justificada a oportunidade da manifestação de protesto da Casa do Algarve, acrescentou: «O meu querido amigo e antigo colega Dr. Alberto Iria, realçou alguns aspectos da nossa História no Indústão, que se inscrevem como páginas gloriosas da acção portuguesa no Oriente. Professor de filosofia, quero, por minha parte, examinar rapidamente convosco alguns aspectos do nosso humanismo cultural, à luz das mais legítimas aspirações da espiritualidade humana.» Não vou repetir-vos — acentua — o que tendes ouvido e lido em fórmulas magistrais, diremos mesmo definitivas. Não vou falar-vos em nome de um passado; não vou falar-vos em nome de uma cultura europeia, percebida por olhos deformados por um europentrismo mórbido; vou sim falar-vos com a mente abrasada pelo entusiasmo de uma visão de europeísmo clarividente e de internacionalismo esclarecido e justo.»

Na sequência da sua brilhante exposição, frequentemente interrompida por vibrantes aclamações, o orador salientou: Queridos compatriotas queridos compatriotas de aquém e de além oceanos, quero dizer a palavra que vos ajude a des:ruir os sofismas, a esclarecer os equívocos, a dar coragem aos corações e a despertar o entusias-

mo das consciências. A maré cheia das confusões, das possibilidades de traição, da renúncia e do desânimo, da falta de noção das responsabilidades, está prestes a atingir o cume e em breve iniciará a sua fase descendente. O nosso dever é aguentar esse momento. Então tudo começará a mudar e os factores essenciais dessa mudança, ei-los: uma cada vez mais intensa e forte integração da Europa numa unidade que, em breve período de tempo a há-de tornar a mais poderosa força do mundo.»

E noutro passo... «a Europa precisa da África para bem da própria África. E a África ser-lhe-á devolvida, como é justo que aconteça, por um processo talvez mais rápido ainda do que aquele pelo qual quase lhe foi arrebatada. É certo que a Europa perdeu as primeiras batalhas da África, mas ela não perdeu a «batalha de África.» Essa vai travar-se em breve. Está a travar-se já. Há-de travar-se vitoriosamente na área que o homem branco mais solidamente estruturou e mais á sua maneira afeiçãoou; a área que se desenha ao Sul da linha que liga o norte de Angola e o norte de Moçambique, pouco mais ou menos, e engloba o vasto triângulo da União Sul Africana. O desenrolar desta batalha de África levará ao começo da autêntica integração da África e da Europa, num conjunto harmónico e complementar. Nela a acção de Portugal tem sido decisiva e sê-lo-á ainda mais no futuro.»

Falou finalmente a distinta poetisa e escritora Dr.ª D. Irene Callapez, que «representava — disse — naquela sessão, a voz da mulher portuguesa vibrante de indignação perante os trágicos acontecimentos que acabam de ensanguentar a província portuguesa da Índia, ultrajando a Nação nos seus mais altos ideais e nos seus nobres intentos da sua soberania secular ultramarina.»

A também distinta poetisa e grande admiradora do Algarve, D. Laura de Aviz, recitou a seguir uma composição de sua autoria, de repulsa ao atentado da União Indiana, que foi igualmente muito aplaudida, encerrando a sessão o sr. Conselheiro Sousa Carvalho, depois de eloquentes palavras de elogio às patrióticas afirmações de cada orador, exortando todos os presentes e todos os algarvios a mais estreita colaboração com o Governo, no grave momento que o País atravessa.

Todos os oradores foram no final muito cumprimentados.

### Calendário

Da acreditada firma Filhos de João Nunes Sequeira Ld.ª, de Santo António das Areias, recebemos a gentil oferta de um calendário de reclame dos seus papéis de fumar. Os nossos agradecimentos.

### Agradecimento

A família de João Palermo de Brito, não podendo fazê-lo pessoalmente, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e a todas que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

### Agradecimento

A família de João Flor da Rosa, não podendo fazer pessoalmente vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e a todos que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.



## Caricatura

Continuação da 1.ª Página

lho», deste «motor» a dois tempos, para mais rotações por minuto, se o passageiro tem pressa de chegar, numa espécie de «chicotada psicológica», dessas de queo futebol lança mão, por vezes, quando a coisa está a ir para o «coice da tabela».

Adoro estes carros, numerados de 1 a 30, em que se viaja à Pai Adão, a despeito de adaptados à teoria «Diesel». Tressandam a 1900... Apesar da sua tarifa exagerada, (\$40 quilómetro, equivalente a uma 1.ª classe C.P., ou a um 30%, em D.C.A.) gosto de viajar neste transporte. Tanto que sou «habitué» da perna direita do Y das suas vias-estrada, daquela que desvia para Castro Marim, pois nestas carruagens nem se pensa em «panes» fatídicas ou choques tremendos, desses que mancham as cabeças dos grandes diários a grandes parangonas.

Têm um tudo nada de romantismo, estes carros que consomem 30 minutos para a cobertura de 4 quilómetros lineares, a uma velocidade de 8 à hora, gastando apenas meio quilo de alfarroba. Dadas as paredes meias com a vizinha Espanha, os seus horários influenciam-se, classicamente, no «sale quando sale y llega quando llega».

Estes carros do povo... que não tem automóvel — como eu — lembram uma miniatura dos «choras» que, na capital, antecederam os «americanos», si por 1900, quando Adolfo Diesel ainda estudava a sua teoria, a quatro tempos. É ali sob as «coifas» das capotas que os carros mantêm sempre enfiadas, contra a chuva e contra o sol, a lembrar as românticas parisienses da segunda metade do século desanove, que se convive o mais socialmente possível com o marítimo, o fabricante, o campónio — o povo.

Uma viagem de meia hora chega para todos se conhecerem... que não têm dinheiro para um «Opel» ou um «Ford». Gosto de ouvir aquela boa gente. A principio, quando «assalto» a carrinha, a meio de percurso, para ir almoçar, a troco de um escudo por mil metros de trajecto, olha-me desconfiada. Julga — aquela gente — que sou rico, que tenho o automóvel empanado, ou confiado à «Confidente». Mas depois, com o rodar da carruagem na estrada e lá dentro... acamurada e lá vamos de conversa animada — sem pressas — até chegar a destino.

Os homens do mar nas suas blusas axadrezadas, arlequins de mil e uma aventuras, na sua odisseia pela sardinha, falam do mar. Gosto de ouvi-los. Nos seus olhos, cansados de azul do mar e céu, há um observatório meteorológico; nas suas mãos, gretadas como falésias da costa, há o escrever da epopeia; nos seus peitos, a paixão pelo mar, apesar de tudo.

Os restantes são mais banais nos temas. Falam só da vida cara, ou da «engricatura»... pedindo chuva se faz sol; clamando sol se chove, numa ânsia de insatisfeitos.

As carreiras de e para Monte Gordo e Castro Marim, adquiriram ultimamente o seu quê de roleta. Falta-lhes apenas dois números para os trinta e dois da rodinha mágica. Todas as carrinhas têm um número, que nos surge em plena estrada, a verde, a vermelho, a amarelo, ou a preto, para tornar mais parecidas as carrinhas com a roleta, nessa roda viva em que andam «de cá para lá e de lá para cá», a lembrar a canção de Maria Clara.

Normalmente, jogo só na côr. Como não sou homem de dinheiro, não arrisco mais que um escudo e... é na côr, pois nos números há sempre menos possibilidades. Dez tostões, e tenho aquilo — à maneira do

## Carta de Angola

Continuação da 2.ª Página

fantasma — um dos muitos que atormentam o espírito da velha Albion.

E esconjura também a amizade (?) Luso Americana porque viu nela um sentimento sem retribuição.

Uma espécie de coisa que o tio Sam paga em dólares. Mais ou menos. Uma questão de preço. Não faz questão. É horrível.

E a ONU? O povo também a esconjura e há bastante tempo, porque viu nela uma organização cristalina, que vive dos nossos capitais e com os quais num jogo de sapa, subsidia a UPA. (1) Mata, bombardeia, destrói e quando atingido o caos vai cândidamente em socorro da sua vítima, prodigalizando-lhe capitais e administrando-lhe a fazenda. Uma quadrilha autêntica que usa os processos do lobo como no conto da «menina do capuchinho vermelho».

Uma loucura, o mundo dos nossos dias. Sede sanguínea de mando e de fortuna. Criminosa vaidade, a que só a Europa se poderia opor. Mas o velho continente continua a dormir. E nós não podemos esperar que ele acorde.

Cimentemos as nossas vontades porque chegou a hora.

De pé! Com vontade e com fé! Teremos que valer por 10. E está provado que valemos realmente mais que a dezena. Ceder? Nunca. É dar as mãos e aguentar.

A razão nos dará força para aguentar os golpes e ripostar. A Fé nos levará à vitória.

E cada português que tomar na luta, há-de ter ainda alentos para bradar como o Zé de Melo: «morra o homem e fique a fama».

Entretanto a velha Europa que parece começar agora a perceber o jogo, talvez acorde. E se acordar a tempo, os bons dias voltarão ao valente Portugal que como Martin Moniz impediu com o seu corpo o inimigo que fechasse o portão do palácio da Esperança e da Fé.

Os dias felizes voltarão ao nosso continente.

E então a humanidade voltará a respirar o sossego, a paz e a alegria a que tem direito.

(1) — Organização terrorista que recebe escola do Este e cabedais do Oeste e com quem tomamos conhecimento no Norte de Angola. Num trabalho de sapa serve a ONU. Mata, incendia, destrói, esquartera e come.

## Nomeação

Foi nomeado 3.º oficial do Quadro da Direcção Geral das Contribuições e Impostos e colocado nos Serviços de Fiscalização e Repressão de Impostos de Consumo em Setúbal, o nosso conterrâneo sr. José Júlio Alves Leandro.

presidente da Câmara Municipal de Azambuja — a ganhar sempre um pequeno passeio. Ganho eu e ganham as minhas pernas, que descansam.

Prefiro este jogo ao Totobola. Não é tão intrincado. Se não se ganha, também não se paga...

Estes carros à Pai Adão, rodando, vagarosos, mas acabam sempre por chegar. Para o «mundo» da nossa vida, dão a volta ao mundo em meia hora — o que é um «récord» nestes tempos, deixando o átmo e o jacto a perder de vista.

O seu cavalo tem a honra de ter sido plagiado pelo «horsepower» dos ingleses e, de novo, pelo Diesel, que o aproveitou para resolver o seu invento.

100% algarvio, o carburante que consome este meio de transporte, não implica exportação de divisas. Como coisa algarvia, não se pode exigir nada mais algarvio... Nem as chaminés, nem as amendoeiras... Sómente alfarroba — de produção limitada ao Algarve...

## Notícias Pessoais

Anniversarios

Fazem anos:

Fez anos em 20 — Sr. Sebastião Viegas Pacheco Mariano.

Hoje — D. Lucília Inês Mateus d' Araujo Oliveira, meninas Maria da Encarnação Galhardo Cardoso, Maria Luisa Lopes de Figueiredo Marques, Maria Eugénia Ilda Lopes, menino António Manuel Rodrigues de Carvalho e os srs. Dr. Zózimo Ramos e Luís José Ribeiro de Jesus.

Em 22 — D. Maria Luisa Viegas Ventura, D. Isabel das Chagas Oliveira, D. Maria dos Mártires Flor da Rosa Gaspar, menina Isabel Maria Lopes Figueiredo Marques, menino António Vicente da Cruz Fernandes Sotero e os srs. Mário Vicente Correia dos Santos, António Vicente da Cruz e Custódio de Jesus.

Em 23 — D. Maria Beblana Ferreira Leiria Azinheira, menina Maria da Graça Lopes Rodrigues, menino Osvaldo Cordeiro Fernandes José e os srs. João Corvo Domingues e Orlando José Lata.

Em 24 — D. Maria Fernandes Jara, D. Celeste Martins Viegas Cesário, meninas Maria João Lobato Centeno, Maria Ondina Lopes Rodrigues, Maria de Fátima Almeida Conceição, Maria Eugénia Miguel Picoito e os srs. Dr. António José Costa Pires, Augusto Pereira Neto, Francisco da Fonseca Franco e Custódio Gaspar.

Em 25 — Menina Maria Helena Mendonça do Carmo e o sr. Manuel da Silva Lopes.

Em 26 — D. Cidalina Maria Duarte de Matos, D. Fausta Padinha Dinis Ferro e o sr. Arnaldo Policarpo da Cruz.

Em 27 — D. Maria de Lourdes Aboim Ascenção Contreiras Lopes, D. Laura Domingos, D. Maria Silva Leiria, D. Suzete Crisóstomo dos Santos, D. Maria Fernanda do Nascimento e os srs. João Valério Crisóstomo Bandeira Carvalho, José Crisóstomo Leiria e José Décio Correia de Matos.

## Partidas e Chegadas

Com sua esposa e filhos encontra-se nesta cidade onde veio passar as férias, o nosso conterrâneo sr. Júlio Santos, comerciante no Brasil.

Com seus filhos retirou para a capital a sr.ª D. Estela de Lemos e Matos, viúva do sr. Dr. José Augusto Soares de Matos.

Retirou para a capital onde vai passar uma temporada, a sr.ª D. Geraldina de Lemos Cabreira, proprietária, viúva do sr. Dr. António Cabreira, Conde de Lagos.

## Necrologia

### Padre João de Sena Neto

Faleceu no dia 14 do corrente, em S. Brás de Alportel, o Reverendo Padre João de Sena Neto, que há mais de 40 anos exercia naquela paróquia o munus pastoral.

Exerceu as funções de Presidente da Câmara de S. Brás de Alportel. Foi grande cultivador de música, tendo fundado a Filarmónica Sambrazense.

O Padre João de Sena Neto contava 80 anos de idade, era natural da Luz de Tavira tendo exercido pela primeira vez o seu ministério sacerdotal, como coadjutor, na freguesia de Santa Maria, desta cidade.

O seu funeral constituiu uma imponente manifestação de pesar tendo se nele incorporado alguns milhares de pessoas. Acompanhou o féretro até à sepultura a filarmónica local que ele fundou, executando marcha fúnebre.

Além de muitos representantes do clero acompanhou o funeral o sr. Vargues Parreira, presidente da Câmara de S. Brás, crianças das escolas e diversos estandartes.

### D. Luzia Virgínia Lagoas

No dia 18 do corrente faleceu nesta cidade a sr.ª D. Luzia Virgínia Lagoas, de 76 anos de idade, proprietária.

A finada era filha do antigo e conceituado professor primário sr. Ramos José Lagoas e irmã da sr.ª D. Maria da Conceição Lagoas.

O seu funeral que se realizou na tarde de 19, foi bastante concorrido.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pêsames.

## Amendoeiras

Enxermadas na própria amendoeira amarga, das qualidades, Dura, Amarela, e Molar da Fuzeta, assim como Oliveiras, Laranjeiras, Tangerineiras, Limoeiros, Tangeras e outras árvores.

Tem para venda, entrega imediata, a preços módicos.

Dirigir à firma José Baptista Júnior, Ceira — Quinta do Olheiro — Coimbra. Envia-se catálogos grátis.

## O homem e o tempo

Continuação da 1.ª Página

ta e poeta como nenhum, pelas coisas da Natureza, depois personificada em Pan, esse Pan que as damas gostam de trazer escrito no saco de mão e julgam tratar-se de qualquer cidade americana. É ela toda, porque Pan, a Natureza, está em todos os recantos, senhora de todas as pedras, todos os fios de erva, todos os regatos que deu a guardar às naiades, todas as árvores onde de uma hamadriade inocente chora os maus tratos dos homens.

Sendo Diónisos o autor do vinho, as festas principiavam com a prova do vinho novo e os objectos do ritual constavam de vasos belos contendo os melhores vinhos, uvas, tirso, sarmentos em festões. Juntava-se-lhes a alegria franca, o movimento entusiástico das danças as piruetas e embustes graciosos, os banquetes e jogos ao ar livre, tudo, numa palavra que exprimisse a folia dum povo feliz e simples.

As dionisíacas tinham uma faceta de festa sagrada, o colóquio com os deuses, misterioso e discreto. Trazidas para a Península Itálica o Romano deu-lhes carácter pesado, vulgar, com o título de bacanais. As bacanais resultaram em orgias condenáveis a todos os respeitos, assim como as lupercais e as saturnais e, neste estado de decadência, foram transportadas às províncias pelos legionários e aí modificadas e fundidas com os costumes locais.

O Cristianismo não logrou abolir as festas primaveris, ou porque o costume estava enraizado de mais, ou porque o espírito dos reformadores conheceu a irreprimível fonte de jovialidade que cada primavera renova nos homens, mesmo os mais indiferentes.

O calendário gregoriano teve em vista não só dar-nos o cómputo dos tempos mais exacio que o anterior, como também concorreu para um regime de vida em que as estações do ano jogassem com lições de eternidade.

Por isso permitiu as esfuziantes brincadeiras das semanas de ante-primavera, que tiveram o nome de Entrudo — introdução no tempo da Quaresma, ou seja, os quarenta dias que precedem a celebração da Páscoa.

Como na Quaresma havia que reunir sacrifícios, um deles a privação de carne, chamou-se ao Entrudo Carnaval (adeus carne) e dela se abusava um pouco a fim de guardar no organismo reservas alimentares para o tempo em que, além dela, as leis do jejum restringiam mesmo as quantidades da vegetais e ovos a uma razão mínima.

Havia, pois, no Carnaval, várias características:

Banquetes frequentes, constantes de alimentação ricos e por vezes pesados; danças e folguedos; jogos de ar livre e partidas que conduziam a situações desopilantes; ocasiões para o indivíduo sair das próprias limitações ou do código da pragmática e viver o clima do devaneio.

Tudo isto, bem feito, era bom e alegre. O pior foi o fermento da «bacanal» que o legionário deixou e que entre as camadas baixas, fermentou mesmo.

Os banquetes deram em comensais grosseiras e abuso de bebidas, que mancharam os folguedos de atitudes sem dignidade.

À sombra dos grosseiros prazeres da mesa, as danças perderam a primitiva feição jovial para se tornarem liberdades plebeias.

As partidas graciosas desandaram em estupidez perversa e ofensa ao asseio.

O disfarce, que permitia a

## «Residência Marim»

A hora do nosso jornal entrar na máquina está a realizar-se em Faro, o acto da inauguração da Residência-Marim, situada no Largo Silva Porto daquela cidade.

Consta de 29 quartos modernamente mobiliados e com água quente em todas as dependências, e com garagem privativa.

Trata-se de uma louvável iniciativa do sr. José Inácio Dias, proprietário da Pastelaria Gardy, que assim contribui para o progresso turístico da nossa provincia.

«Residência Marim» veio preencher uma lacuna que de há muito se fazia sentir na capital do distrito.

Agradecemos a gentileza do convite que nos foi endereçado para assistirmos ao acto inaugural e fazemos votos pelas prosperidades do novo estabelecimento e do seu proprietário, o nosso prezado amigo José Dias.

## Agradecimento

O marido e filhos de Angelina do Nascimento Nunes, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar sua extensa esposa e mãe à sua última morada e, bem assim, a todos que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

O livro «VERSOS» do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

cada um sonhar-se aquilo que desejaría ser, redundou em vulgaridade e ainda pior: em haver menino e menina que, ao pôr a máscara, se servia dela para se desmascarar e descobrir os tristes aleijões mentais que todo o ano escondera.

As batalhas de flores, com todo o seu movimento e cor foram, a partir de certa época, as mais brilhantes manifestações carnavalescas. Houve cidades, como Veneza e Nice, que as tiveram famosas, onde se desfazia em polvilhos e flores, papéis coloridos e carruagens de gosto, fortunas.

Nos meios pequenos ou pobres redundaram em competições de vaidade, falta de inovação e de gosto, arremedo pobre e reles das vistosas batalhas.

A Coca, ao norte do nosso País, muito semelhante à Tarasca do sul da França, é também exibição primaveril que interessa. Do mesmo modo os «cabeçudos».

Com o abrandamento dos rigores quaresmais e a pouca importância que o povo lhes liga já, os entusiasmos pelo Carnaval muito logicamente diminuíram.

As festas, danças, disfarces, tornaram-se de todo o ano. Os homens divorciaram-se do encanto que a Natureza lhes oferece. Mataram Pan, as ninfas, as hamadriades, só conhecem as estações para efeitos de indumentária e preocupam-se pouco com as variantes da chuva ou sol, logo que estejam convenientemente apetrechados para estes vulgares fenómenos atmosféricos.

Alguma sociedade recreativa tenta, de anos a anos, animar o Carnaval, tentativa sempre frustrada pela falta de gosto dos frequentadores de tais exhibições.

Tudo se limita a crianças entrouxadas, marquesas de bambolúas de setim para forros, pagens de papel frisado.

O Carnaval desceu à humilhação da festa de caridade e a cinco minutos para os estudantes e mestres respirarem ante as pesadas semanas de trabalho que antecedem as festas da Páscoa, verdadeiras férias da Primavera.

Não se fala nele este ano, porque o país reflecte o efeito duma afronta mas a não ser por isso, foi pena deixar morrer o lado inocente e alegre das folias carnavalescas.



Origem dos Topónimos das freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus Sítios

por J. Fernandes Mascarenhas

(Continuação)

MARIM

Sítio dos mais aprazíveis do concelho de Olhão, cheio de hortas verdejantes, salpicadas pelo branco das casas com as suas chaminés rendilhadas e tendo por fundo o azul lindíssimo do mar algarvio, nele floresceram várias civilizações, tais como a romana, visigótica e árabe, de que se encontram vestígios bem nítidos. E fronteira à barra velha de Olhão, qual sentinela vigilante contra os piratas argelinos e marroquinos que outrora talavam as costas algarvias, ergue-se o resto da torre mandada edificar por El-Rei D. Dinis, ostentando um braço das armas portuguesas dese reinado e uma inscrição em caracteres unciais alegórica à construção da velha torre<sup>(20)</sup>.

O topónimo Marim talvez seja de procedência árabe, pois precisamente como hoje se escreve, foi o nome de um antepassado da tribo dos *Benemarim* ou *Belamarim*, à qual, segundo o ilustre arabista Prof. David Lopes, em cuja valiosa obra também nos baseámos, pertencia a família real dos Merínidas, que reiem África e Hispânia, após os Almôhadas<sup>(21)</sup>.

O Dr. J. Xavier Fernandes, se bem que hipoteticamente, também lhe atribui origem árabe, com o significado de «um posto civil e militar, entre os mouros»<sup>(22)</sup>.

Sem dúvida de que dessa civilização existem em Marim vários vestígios. No seu aro, com muitos e fortes botelhos<sup>(23)</sup> regados com a tradicional cegonha ou picota, o *telleno* dos romanos, que os árabes também utilizaram e que Santo Isidoro de Sevilha cita sob o nome *cicónia*<sup>(24)</sup>, corre também na tradição oral e escrita uma célebre lenda árabe, que parece denotar a existência no local, de qualquer potentado da religião de Mafoma.

Tem ela por personagens principais uma formosa moura, filha de um poderoso e rico senhor desse sítio (talvez de nome Marim), e um jovem mouro, poeta e músico, que muito amava mas cujos amores, contrariados pelo pai, terminaram trágicamente num grande abismo cheio de água que surgia certa noite, trágicamente, em frente do seu casetlo, no momento em que esse pai cruel precipitava sua filha sobre o mancoço enamorado que, desequilibrando-se, caiu no abismo, arrastando-a consigo<sup>(25)</sup>.

Não obstante todos esses vestígios, a palavra Marim deriva de *Marinus* (termo latino que significa marinho, isto é, terra junta ao mar), o que aliás não admira, dado que os romanos ocuparam o norte de África, onde deixaram vestígios, não só monumentais como do seu idioma.

O Prof. Leite de Vasconcelos inclui o termo Marim «entre os nomes de pessoas tornadas geográficas, tomando-o como resultante do genitivo *Marini* do antropónimo *Marinus*»<sup>(26)</sup>.

De idêntica opinião é também o nosso querido Amigo erudito latinista Prof. António Augusto Ramos.

Marim deve ser, portanto, um topónimo de procedência árabe, mas derivado do latim, pelas razões anteriormente expostas. É pois provável que fosse trazido pelos mouros quando dominaram o Algarve ou, então, se porventura o sítio já tinha essa designação não é de crer que tivesse coexistido com *Statio Sacra*, hipotética cidade romana que não vem citada no *Itinerário de Antonino* e que o sabemos só na *Cosmografia de Revenate*, IV, 43, que a situa entre Balsa e Ossónoba e sobre a qual, apesar dos muitos vestígios arqueológicos encontrados no local, o Prof. Leite de Vasconcelos era da opinião que o citado autor tivesse invertido a posição dos lugares, e que *Statio Sacra* seja sinónimo de *Pormunturium Sacrum*<sup>(27)</sup>, em contradição com o que afirma Estácio da Veiga<sup>(28)</sup>.

Mas seja como for, esse espólio arqueológico entre o qual figura uma curiosa *aedicula*, recolhida por Estácio da Veiga no Museu Etnológico de Lisboa, que lhe fora ofertada pelo proprietário da quinta de Marim, João Lúcio Pereira, pai do grande e esquecido poeta algarvio João Lúcio, e outros objectos, muitos dos quais, encontrados nas explorações, feitas pelo destinto arqueólogo sr. Abílio Gouveia, vêm provar a existência de um importante núcleo populacional, que desapareceu, mas cuja verdadeira denominação seria interessante esclarecer-se cientificamente.

MONCARAPACHO

São duas as versões mais conhecidas para explicar a origem do topónimo Moncarapacho.

Uma delas diz que «Moncarapacho tirou o seu nome do serro de S. Miguel, na parte em que este serro é denominado *Monte Escarpado* — por ser naquela parte assaz alto, talhado a pique, e sem o mais pequeno declive. Diz-se que primitivo povo ficou junto deste serro e por isso denominado o povo de *Monte Carapacho*»<sup>(29)</sup>. «E a outra atribui esse nome» á circunstância de haver naquella sítio, primitivamente só habitado por uma mulher, que vivia em um monte, onde trabalhava em tecidos de empreita, chamados *carapacho*, que mandava vender. Dizendo-se portanto, no princípio *Monte Capachos* — e mais tarde — *Montecapacho* — *Moncarapacho*<sup>(30)</sup>. O próprio povo, acrescentamos, nós, completando esta segunda versão diz que com produto da venda dos capachos essa mulher, extremamente piedosa mandou edificar a igreja matriz de Moncarapacho, dedicada a Santa Maria da Graça — hoje de Nossa Senhora da Graça.

Tanto a primeira como a segunda versão, de forma alguma conseguem explicar a origem do topónimo, embora a primeira pareça aproximar-se mais da realidade.

Nem existiu qualquer povoação junto da parte do cerro talhado a pique — o Monte Escarpado, como lhe chamou Ataíde Oliveira — de que não há o mais ligeiro vestígio o que, aliás, se explica plenamente, em virtude do referido sítio ter poucas ou nenhuma condições de vida e nem a igreja matriz de Moncarapacho foi mandada construir por uma só pessoa, a não ser que alguma muito primitiva ermida. Isto, reforçado ainda pelas seguintes palavras do próprio Ataíde: «Achamos em extremo corriqueira esta versão, e outras taes, que partem de querer-se explicar tudo»<sup>(31)</sup>.

Quanto a nós Moncarapacho deve de facto o seu nome ao cerro de S. Miguel, a esse cerro lendário donde se disfruta um panorama maravilhoso, o qual tendo sido um magnífico ponto de referência das navegações antigas, constituiu um verdadeiro símbolo heráldico desta importante freguesia do Algarve, pelas razões que vamos ver mais adiante<sup>(32)</sup>.

(Continua)

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Trágico desastre de viação

NO passado dia 13, cerca das 21 horas, deu-se um brutal desastre na sinistra curva do Poço Tapado, próximo da Alfandanga, no qual perderam a vida Maria Manuela de Sousa Brito, de 18 anos, estudante, natural de Tavira, e seu noivo, o soldado miliciano José Dias Faustino em serviço no Batalhão de Caçadores 5, agora em gozo de licença.

Os restantes tripulantes do automóvel, que seguiam para Faro a fim de assistirem a uma sessão de cinema, eram a mãe da vítima, sr.ª D. Maria Alice Rodrigues, viúva, que fracturou uma clavícula, a bacia e a coluna vertebral, o aspirante miliciano sr. Armindo Duarte Bouceiro, natural de Cebola de Cima, em serviço no Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria, nesta cidade, que seguiu em estado grave para o Hospital Militar da Estrela, e as meninas Maria Teresa Ferreira, de 14 anos, que sofreu fractura de uma clavícula e Maria da Graça Ramos Martins, de 16 anos, embora com ligeiras escoriações mas que sofreu um forte abalo moral.

Eis o triste rescaldo da trágica ocorrência certamente motivada por derrapagem em virtude da estrada estar molhada.

A triste notícia causou certo pânico em Tavira de onde seguiram para o local algumas pessoas amigas dos sinistrados.

O funeral da desditosa Maria Manuela, que há pouco havia sofrido o desgosto do assassinato de seu pai, realizou-se na tarde de 16 do corrente, com extraordinário acompanhamento.

Os restos mortais, que estiveram expostos na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, foram velados pelas colegas, alunas do Externato de Santa Maria. O corpo do noivo seguiu em auto-funeral para a terra da sua naturalidade.

Foi com profunda mágoa que a cidade acompanhou o infausto acontecimento.

As famílias enlutadas endereçamos a mais sentida expressão do nosso pesar.

O sr. Director-Geral das Contribuições e Impostos esteve no Algarve

Continuação da 1.ª Págin

cisco João Gomes, Director de Finanças de Faro, tendo recebido cumprimentos de todos os secretários de Finanças do distrito, que aguardavam a sua chegada.

Em seguida realizou-se uma sessão presidida pelo sr. Director Geral das Contribuições e Impostos, tendo usado da palavra o sr. Director dos Serviços da Zona Sul, que fez o elogio dos dotes de inteligência e excepcionais qualidades de trabalho do sr. Dr. Duarte Faveiro, referindo-se aos novos serviços e a utilidade dos mesmos para uma mais perfeita orientação fiscal, Tomou também o uso da palavra o sr. Director Geral das Contribuições e Impostos que expôs com muita clareza e elevado espírito de compreensão para que se crie uma nova mentalidade quer entre os funcionários fiscaes quer no espírito dos contribuintes, no sentido de uma maior colaboração e confiança.

A sua douda exposição sobre o assunto foi muito apreciada entre os profissionais dos Impostos que a ela assistiram.

Inaugurou em seguida as novas instalações dos Serviços de Prevenção e Repressão dos Impostos.

Para prestarem serviço no Algarve foram destacados os seguintes funcionários superiores da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, srs. Gustavo Fernandes da Fonseca, secretário de Finanças de 1.ª classe, Faustino Nascimento, secretário de Finanças de 2.ª classe, Virgílio Rodrigues Réu, Dr. David Pereira Martins, Mário de Matos Torres Garrido e Anacleto dos Santos Rosa, secretários de Finanças de 3.ª classe e o 3.º oficial sr. Joaquim Correia Pinto Dourado.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

ALGARVE Desportivo



Campeonatos Nacionais da I e II Divisões

O Olhanense continua invicto no seu campo

1.ª Divisão

Olhanense 3 — Belenenses 1

Mais uma vitória registada pelos algarvios no seu campo, esta obtida contra um dos chamados grandes do futebol português.

O piso do Estádio Padinha devido às últimas chuvas, não era de molde a proporcionar uma partida tecnicamente boa pois o terreno estava escorregadio e pesado.

O Olhanense sem realizar uma partida em cheio mereceu indiscutivelmente o triunfo, pois foi a equipa mais homogénia e laboriosa e ainda aquela que de mais oportunidades disfrutou.

Os cubistas abriram o acervo aos 39 minutos, resultante dum livre indirecto contra os azuis, marcado por Alfredo; a bola foi directamente à baliza e José Pereira desatento tocou no esférico que se foi colar às malhas. Iam decorridos 43 minutos 2-0; Armando, um dos melhores jogadores em campo, finalizou da melhor maneira um lance confuso na grande área dos lisboetas.

O segundo tempo começou praticamente com o terceiro e último golo dos algarvios marcado por Armando com um remate de longe. O Belenenses reagiu pouco depois e a partida ganhou equilíbrio. Perto do final e a premiar a sua actuação, Peres, com um toque habilidoso alcançou o ponto de honra para a sua equipa.

Hoje realiza-se o encontro: Covilhã — Olhanense

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting . . . . .	9	4	—	32-8	22
Porto . . . . .	8	3	2	24-8	19
Benfica . . . . .	7	4	2	29-17	18
Atlético . . . . .	7	2	4	23-15	16
C. U. F. . . . .	6	3	4	17-14	15
<b>Olhanense</b> . . . . .	5	4	4	19-18	14
Belenenses . . . . .	5	3	5	26-21	13
Lusitano . . . . .	5	2	6	19-18	12
Académica . . . . .	6	—	7	22-27	12
Leixões . . . . .	4	2	7	21-23	10
V. Guimarães . . . . .	4	1	8	20-23	9
S. Covilhã . . . . .	3	3	7	15-20	9
Beira-Mar . . . . .	2	3	8	19-37	7
Salgueiros . . . . .	2	2	9	9-36	6

2.ª Divisão

Lusitano 2 — Olivais 2

A equipa do Lusitano tem vindo a fazer um campeonato tão desnivelado que nos é impossível fazer uma ideia da sua forma actual. Iniciando a prova com exhibições modestas que o lançaram para a cauda da tabela, o onze algarvio começou a melhorar acabando por arrancar quatro vitórias consecutivas. Porém, passado este período, o grupo pombalino acabou por decair novamente.

O empate consentido e o jogo produzido contra o Olivais atestam bem que a equipa voltou de novo ao seu período «nô», o que muito aflige os seus dirigentes e simpatizantes.

Campomaior 1 — Farense 1

Conforme se previa, esta saída do Farense a Campomaior foi uma partida difícil para os algarvios.

A equipa alentejana entrou de rompante e obteve um golo nos primeiros minutos. Os alvi-négros surpresos com a velocidade dos locais passaram por momentos difíceis para salvar a sua baliza. Passado este período o Farense equilibrou a partida e aos 20 minutos igualaram o marcador.

No segundo tempo, ambos os grupos procuraram a vitória, a qual esteve à vista favorável aos locais, que não a souberam aproveitar.

Jogos para hoje:

Farense — Beja; Lusitano — Montijo.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.
Barcelense . . . . .	12	—	1	37-13	24
Setúbal . . . . .	11	1	1	48-11	23
C. Piedade . . . . .	7	2	4	33-22	16
Seixal . . . . .	8	—	5	39-36	16
<b>Farense</b> . . . . .	6	3	4	25-21	15
Montijo . . . . .	7	1	5	33-35	15
Alhandra . . . . .	7	—	6	33-26	15
<b>Portimonense</b> . . . . .	6	—	7	19-23	14
<b>Lusitano</b> . . . . .	5	1	7	17-21	12
Beja . . . . .	5	1	7	27-40	11
Oriental . . . . .	3	3	7	14-29	9
Campomaior . . . . .	2	2	9	13-37	6
Sacavenense . . . . .	1	3	9	17-30	6
Olivais . . . . .	1	2	9	18-34	5

Rui Nobre

Grémio da Lavoura de Tavira

Plantio da Vinha

Informamos os interessados que decorre, até 15 de Abril de cada ano, período de apresentação de requerimentos para plantação de vinha, quer para produção de uva de mesa, quer de castas apropriadas à fabricação de vinho.

Nos nossos escritórios se prestam todos os esclarecimentos, facilita-se o cumprimento das formalidades legais e presta-se toda a assistência até solução final.

A Direcção

Trespasa-se Barato

Por motivo de retirada, uma casa de pasto, no sítio de Amaro Gonçalves, facilitando-se o pagamento.

Quem pretender dirija-se a Maria Fernanda da Conceição Ribeiro Bento, no referido local.

PRÉDIO

Vende-se na Rua 9 de Abril n.º 43, com esqui a para a nova rua, em Tavira.

Trata José Augusto dos Reis J.º em Cacula.

ROMEIRA

Todos os fios de lã para tricet

encontra V. Ex.ª aos melhores preços do mercado no depósito da fábrica MEIAS DE NYLON Preços de fábrica

FABRICA: ALENQUER Telefone 15

DEPÓSITO: Rua dos Fanqueiros, 96, 1.º-Dt.º Telefone 21693 — LISBOA

Enviamos amostras — Fazemos remessas pelo correio